

Raymundo Brandão Cela (*)

Paulo Ayrton Araújo

Ao longo de 103 anos de existência, o Instituto do Ceará tem sido o guardião maior da história e tradições de nosso Estado, procurando suprir aquela falta constante da afirmativa de meu ilustre antecessor nesta Casa, o Professor José Parsifal Barroso, em "O Cearense", de que "no Ceará, nada persiste em linha de continuidade e de enraizamento, e jamais houve clima favorável à tradição", admitindo que, para tanto, deve concorrer a contingência do meio ambiente, tornando o cearense mais imediatista.

Tanto isto é realidade que a Casa do Barão de Studart promove esta sessão especial para comemorar o centenário de nascimento, ontem transcorrido, de um conterrâneo ilustre, que se projetou no campo das artes plásticas e que, segundo Estrigas, foi "na sua época, o nosso principal pintor e gravador de maior projeção".

Trata-se de Raymundo Brandão Cela, cuja família nos honra com sua presença nesta sessão. Lamentavelmente, sua viúva, D. Eunice de Medeiros Cela, não resistiu, ontem, à emoção das homenagens prestadas ao seu marido e teve que ser internada na UTI do Prontocárdio, onde passa bem, o que nos priva da satisfação de tê-la conosco nesta solenidade.

É ainda Estrigas – **Nilo de Brito Firmeza** – em sua "Contribuição para o Re-Conhecimento de Raymundo Cela" (Edições Tulano-Fortaleza – 1988), uma monografia ilustrada, com 92 páginas, e o mais completo trabalho até hoje publicado sobre o artista, prefaciado pelo nosso Rubens de Azevedo, quem afirma: "Escassa, reduzida e dispersa é a bibliografia e demais informações sobre o artista, quase que se limitando um a dizer o mesmo que o outro disse". E é sobre esse mesmo artista que me cabe, com as dificuldades a que Estrigas se refere, falar nesta sessão de hoje.

Nascido em Sobral aos 19 de julho de 1890, filho de José Maria Cela, de nacionalidade espanhola, e Maria Carolina da Silva Brandão, natural de Sobral, foi o primogênito dos 4 filhos do casal – Raymundo, Fernando, Maria e Áurea. Antes dos 2 anos de idade, foi batizado "em artigo de morte", aos 24 de maio de

(*) Palestra proferida na sessão especial do dia 20 de junho de 1990, comemorativa do Centenário de Nascimento do artista plástico cearense RAYMUNDO BRANDÃO CELA. Após a palestra do orador a "Amiga do Instituto" D. OLGA MONTE BARROSO, viúva do Governador JOSÉ PARSIFAL BARROSO, informou ao orador que, no Governo de seu marido, os restos mortais do artista plástico RAYMUNDO CELA foram trasladados do Rio de Janeiro para Fortaleza. Consulta posterior à coleção de "O Nordeste" permitiu verificar que a edição de 5 de setembro de 1960 noticiou a chegada da urna funerária a esta Capital, no dia 3 daquele mês, trazida pelo Dr. FRANCISCO JOSÉ STUDART. Os restos mortais do ilustre cearense, exumados do Cemitério de São Francisco Xavier (Caju), no Rio de Janeiro, repousam hoje no jazigo nº 5121 do Cemitério São João Batista, em Fortaleza. A lápide, em mármore escuro, traz, em bronze, a assinatura (como firmava seus quadros) do pintor – "R CELA" – e os dizeres "O Pintor do Nordeste – 19/7/1890 – 6/11/1954".

1890, conforme Certidão de Batismo que o Cônego Francisco Sadoc de Araújo teve a gentileza de enviar-me.

Em 1894, com 4 anos de idade, a família muda-se para Camocim, onde seu pai passa a exercer atividades profissionais na antiga Estrada de Ferro de Sobral. As primeiras letras, ele as aprende na escola da cidade, onde sua mãe, professora primária, lecionava.

O Cônego Francisco Sadoc de Araújo, autor de "Cronologia Sobralense", afirma que Raymundo Cela, em 1906, estudou em Sobral, no "Colégio José de Alencar", dirigido pelo Padre João de Lima Pessoa e pelo Prof. Teles de Souza, tendo sido redator de "Philomático", órgão estudantil do referido Colégio.

Posteriormente, veio para Fortaleza a fim de se submeter aos preparatórios no velho e tradicional Liceu do Ceará. Segundo relata Gustavo Barroso em "O Consulado da China" ("Memórias de Gustavo Barroso" – Edição do Governo do Estado do Ceará – 1989), Cela, preparatoriano, foi um dos fundadores do "Consulado", do qual era "adido", informando ainda que seu retrato a óleo, existente no Museu Histórico Nacional, é de autoria do artista. CELA assina as atas n^os 1 e 2 do "Consulado", datadas de 3 de julho e 7 de agosto de 1909. Nessa época toma contacto com alguns artistas da capital e, segundo Roberto Galvão, seus desenhos "O Menino", pertencente ao Museu de Arte da UFC, e "A Árvore", pertencente à coleção de Haroldo e Heloisa Juaçaba, datados de 1907 e 1908, respectivamente, apesar de simples, já denotavam seu talento emergente.

Em 1910, viaja para o Rio de Janeiro, onde cursa a Escola Politécnica, ao que tudo indica, mais para satisfazer a seu pai, vindo a tornar-se engenheiro geógrafo.

Sua vocação maior, porém, estava nas artes, o que o leva a freqüentar também o Curso Livre da Escola Nacional de Belas Artes, onde tem como mestre de modelo vivo João Zeferino da Costa e de pintura Eliseu Visconti e, depois, João Batista da Costa. Seus dotes artísticos, aliados à aplicação, ao talento, ao conhecimento e execução, logo mostraram o artista que nele se escondia.

No Rio, para assegurar sua manutenção, Cela trabalha, como desenhista, nas oficinas de Trajano Medeiros e, posteriormente, com Cândido Mariano da Silva Rondon, de onde adveio uma boa amizade, inclusive pelo fato de ambos serem positivistas.

Em 1916, participou do Salão Nacional de Belas Artes, o que de mais importante havia à época, conquistando o prêmio Medalha de Prata e, no ano seguinte, o de Viagem à Europa, este com o quadro "Último Diálogo de Sócrates", que hoje integra o acervo do Museu Nacional de Belas Artes.

Embora a maioria das fontes afirme que ele viajou para o Velho Mundo em 1917/1918, lá permanecendo por 5 anos, deve haver equívoco em tais afirmativas porquanto Cela colou grau como engenheiro geógrafo em 13 de março de 1919, conforme atestado 614-S, passado pela então Escola de Engenharia da Universidade do Brasil, em 7 de junho de 1948, cuja cópia me foi exibida pelo artista plástico Roberto Galvão, assegurando-me que o prêmio de viagem ao

exterior tinha a duração de 3 anos.

Antes de viajar para a Europa, Cela veio ao Ceará, quando, de acordo com pesquisa realizada pelo mesmo Roberto Galvão, pintou, pelo menos, os retratos de seus pais, hoje pertencentes ao sobrinho do artista, Engenheiro João Cela Militão Menescal.

Seguindo para a Europa, em 1920, lá permanece por aproximadamente 3 anos, não se limitando à França, onde passa a maior parte do tempo, indo também a outros países. Em Paris, participou, no ano de 1922, do Salão dos Artistas Franceses, despertando o interesse da crítica. Na Europa, estuda gravura, arte na qual, apesar de sua reduzida produção, vem a se destacar.

Retorna ao Brasil, segundo Estrigas, na obra já citada, "um tanto prejudicado em sua saúde, vítima que teria sido de um derrame, talvez o motivo pelo qual ele se tenha isolado em Camocim, lugar calmo e agradável". Um outro fato que deve ter pesado para essa sua decisão foi o falecimento de seu pai e a necessidade de dar apoio à sua genitora.

Em Camocim, organiza, instala e dirige a primeira usina de geração termo-elétrica do interior do Ceará, a Companhia Auxiliar de Luz e Força de Camocim.

Menino e adolescente, conheci Raymundo Cela, o Celinha como era conhecido, à distância, como à distância se mantinha, naquela época, um jovem de um adulto. Dele conservo a lembrança de um homem sério, introspectivo, de passo pequeno e andar rápido, ereto, calvo, sempre bem vestido e de maneiras comedidas. Solteirão, 44 anos, lembro-me da admiração causada na cidade pelo seu noivado com uma jovem sobrinha do então gerente da agência do Banco do Brasil em Camocim, a amazonense **Eunice Cavalcante Medeiros** (21 anos), com quem veio a contrair matrimônio em 4 de agosto de 1934, tendo o casal dois filhos, Paulo e Dolores Maria.

Somente aliava a Raymundo Cela sua atividade no setor de energia elétrica, ignorando, por completo, seu lado artístico. José Dias de Macêdo, inquirido por mim, adiantou que, em Camocim, até se mudar para Fortaleza em 1931, tinha esta mesma idéia.

Porém sua sobrinha Yvanny Militão Menescal, em correspondência dirigida a Alberto Rodrigues Soeiro e transcrita por Estrigas, na obra já citada, afirma:

"Não é exata a versão, sempre veiculada, de que em Camocim, no período compreendido entre 1923 (seu regresso da Europa) e 1938 (quando realizou o painel "Últimos Escravos do Ceará", já em Fortaleza) ele se manteve inteiramente afastado da atividade artística. Datam de sua época vários quadros excelentes, não apenas "óleos" mas também gravuras em metal e aquarelas. Entre os "óleos", retratos de seu filho Paulo, de seu irmão Fernando, de sua irmã Áurea, de Benício Santos (grande amigo pernambucano radicado em Camocim), quadros com temas regionais (dois excelentes "Rendeira"), cenas de trabalho de operários na

oficina da estrada de ferro local, cenas de carnaval de rua. Entre as gravuras destacam-se as conhecidas "Anúncio de Circo" e "Bumba-meu-boi", consideradas por muitos críticos como sendo as melhores. Entre as aquarelas, principalmente paisagens de Camocim, inclusive "Marihhas".

É ainda Estrigas quem transcreve, em seu livro sobre Cela, o testemunho valioso de Otacílio de Azevedo para a Revista da Academia de Letras, em 1962. Diz ele:

"Uma das mais extraordinárias surpresas de minha vida foi quando, como fotógrafo, em 1933, fui, por intermédio de Péricles Serpa, visitar, em Camocim, o atelier de Raymundo Cela. Ao penetrar no recinto, parecia-me tudo aquilo uma estranha aventura, arrancada às páginas das "Mil e Uma Noites", tal a riqueza de quadros deslumbrantes que me ofuscavam a vista",

adiantando que não havia um só quadro que não fosse de Cela.

Assim, aos dois jovens adolescentes camocinenses passava despercebido o lado artístico daquele que foi considerado por Otacílio de Azevedo, "sem dúvida alguma, o maior pintor vivo do Ceará, senão do Brasil", àquela época.

Em 1938, Cela se muda com a família para Fortaleza, passando a lecionar desenho à mão livre no então Colégio Militar do Ceará e depois no Colégio Floriano e, finalmente, descritiva, na Escola de Agronomia.

Em Fortaleza, Cela, que se havia ausentado do cenário artístico nacional por quase vinte anos, volta, com seu talento, à plena atividade e a participar dos eventos artísticos que se verificam na capital.

Foi Mário Baratta quem o redescobriu no seu atelier, instalado em dependência do Colégio Floriano e, posteriormente, transferido para o "foyer" do Teatro José de Alencar. Apesar de sua formação neo-clássica, Otacílio Colares, citado por Estrigas, diz que ele era "inverso ao determinismo quer da escola acadêmica agonizante, quer das concepções mais ousadas das novas escolas que então surgiam. Um artista que encontrara o seu modo de ser, realizando a sua arte de cunho muito especial, e plenamente, no desenho, na pintura a óleo, na aquarela e, de modo especial e magnífico, na difícil arte da gravura".

Pintor laureado, sua modéstia o leva a um bom relacionamento com os jovens artistas da terra. Apóia, em 1941, a fundação do Centro Cultural de Belas Artes e participa, em 1943, do I Salão de Abril, em Fortaleza, ao lado dos iniciantes Antônio Bandeira, Aldemir Martins, Mário Baratta, Chablos e outros. Concorre ao Salão Paulista de Belas Artes, sendo premiado com a "Pequena Medalha de Ouro", fato que muito deve ter influenciado na sua decisão de mudar-se para o Rio de Janeiro.

Em 1944, o III Salão Cearense de Pintura presta-lhe uma homenagem e no mesmo ano é fundada a SCAP (Sociedade Cearense de Artes Plásticas), que também recebeu o seu apoio.

O período de sua permanência em Fortaleza (1938-1945) marca a volta plena de CELA à sua atividade artística, com muita intensidade, produzindo inúmeras obras (desenhos, aquarelas e pinturas), iniciando-se com o grande painel "Abolição da Escravatura no Ceará", por encomenda do Governo do Estado, e encerrando-se com "Ceia". O primeiro, encontra-se hoje no antigo Palácio da Luz, onde funciona a Academia Cearense de Letras, necessitando de reparos pelo desgaste que o tempo lhe expôs; sua recuperação, contudo, é difícil e dispendiosa. O segundo, óleo sobre madeira, grande painel de 3,76m x 1,60m, encontra-se no refeitório da Base Aérea de Fortaleza, em perfeitas condições.

Em 1943, transfere-se para o Rio de Janeiro, passando a ensinar na Escola Nacional de Belas Artes. Premiada em 1945 com "Medalha de Ouro", em pintura, e em 1947, também com "Medalha de Ouro", em gravura, participa ainda, em 1954, da exposição "A Europa na Arte Brasileira", no Museu Nacional de Belas Artes.

Falece no Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro, às 2 horas da manhã do dia 6 de novembro de 1954, aos 64 anos de idade.

Após sua morte, verificou-se uma exposição póstuma de obras do artista no Museu Nacional de Belas Artes (1956); foi-lhe concedido o "Prêmio Semana da Marinha – Medalha de Ouro", com o quadro "A Rendeira" (1959), e o Museu Nacional de Belas Artes, em 1964, dez anos após seu falecimento, organizou uma sala especial com as obras de Raymundo Cela.

Cela, em sua obra, demonstrou preferência pelo homem, pelas atividades humanas, pelo meio ambiente, preferência rara por parte dos artistas da época. O jangadeiro, o vaqueiro, a rendeira, o retirante, o ferreiro, a fundição, a oficina, o porto, o circo, o peixeiro, a bordadeira, a praia, o engenho, enfim a criança, a mulher, o homem, o trabalhador são presenças constantes em sua obra.

Roberto Galvão considera Raymundo Cela um dos primeiros artistas a abordar o tema do homem no trabalho, acrescentando que é a partir dele que o vaqueiro, o jangadeiro, a rendeira vão-se transformar em símbolos da nordestinidade, fazendo escola e tendo como seguidores, não quanto ao estilo mas quanto ao tema, Aldemir Martins, João Maria Siqueira, Afonso Lopes, Floriano Teixeira e outros.

O maior número de obras de Raymundo Cela, para felicidade nossa, encontra-se no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, que ontem inaugurou uma valiosa exposição comemorativa do centenário de nascimento do artista. Aliás, merece menção o destaque que o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, criado na administração pioneira e fecunda do Reitor Antônio Martins Filho, nosso Presidente Honorário, tem proporcionado à obra de Cela, dando a um de seus salões o seu nome e promovendo exposições de seus trabalhos. Obras suas são também encontradas no Banco do Nordeste do Brasil, Casa do Ceará em Brasília e em vários acervos particulares no Brasil e, certamente, no exterior.

É interessante observar-se o percurso feito em sua vida pelo gravador, desenhista, aquarelista, e pintor: Sobral – Camocim – Fortaleza – Rio de Janeiro

ro – Europa – Camocim – Fortaleza – Rio de Janeiro. Há como que uma ida, uma volta e um retorno no tempo e no espaço.

Seu valor resistiu ao período de 15 anos em que se isolou em Camocim, tanto que, ao retornar a Fortaleza, logo voltou a ocupar o lugar de destaque que por mérito próprio lhe cabia. Mas não há dúvida de que esse afastamento, sua modéstia, chegando quase à humildade, e seu temperamento introspectivo impediam que sua obra tomasse maior vulto e se tornasse mais conhecida.

Renato Saldon, em “Verve Cearense”, dedica um capítulo a Cela, sob o título “História alegre de um homem triste”, no qual relata como veio a tornar-se amigo do artista até sua morte, relevando algumas passagens interessantes de sua vida, entre elas o amor que tinha aos seus quadros.

Esta, Sr. Presidente e caros confrades, senhoras e senhores, o Raymundo Brandão Cela que aquele que lhes fala conheceu na sua infância e adolescência, sem nele enxergar o grande artista mas apenas o Celinha da luz elétrica. O Cela, citando mais uma vez Estrigas, “cujo destino não lhe deu tempo para ir mais longe e chegar mais alto, apesar do tão alto a que já chegara”.